

Collor critica o 1º mundo

As ironias e reclamações de alguns expoentes do neoliberalismo nacional, como os ex-ministros Roberto Campos e Delfim Netto, não arrefeceram as críticas do presidente Fernando Collor aos países desenvolvidos. Campos, Delfim e outros não gostaram de algumas atitudes recentes do Presidente, como a irada reação à entrevista do então chefe da delegação do FMI e a cuidadosa solidariedade a Fidel Castro. Com amplo acesso aos órgãos de comunicação, trataram, nos últimos dias, de dar entrevistas e publicar artigos criticando o que consideram recaída terceiro-mundista promovida por Collor.

Ontem, o presidente voltou à carga. Diante dos ministros da Saúde dos países do chamado Cone Sul — Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia —, Collor responsabilizou os países do Norte desenvolvido pela situação em que vivem as nações do Sul. O retorno à democracia, disse, “foi uma das grandes e felizes marcas da Década de 80”, mas o agravamento da crise econômica foi “o contraponto sombrio e indesejado daquele processo político”.

Proteccionismo

“Amargamos durante quase toda a década taxas de crescimento nega-

tivas, agravadas por um rrudescimento do proteccionismo comercial de parte das nações desenvolvidas, passamos a enfrentar dificuldades crescentes no acesso à tecnologia, aprofundou-se a degradação dos valores das matérias-primas por nós produzidas e, principalmente, vimos nossa região transformar-se em exportadora líquida de capitais”.

Tudo isso, segundo Collor, agravou “o dramático panorama social da América Latina, onde muitos ainda vivem em verdadeiros bolsões de miséria, sem salário, sem saúde, sem casa e sem educação”. Alguns parágrafos depois, Collor retomou seu discurso de alerta aos desenvolvidos:

“O fim da bipolaridade ideológica não pode ser sucedido por uma bipolaridade ainda mais perniciosas, que divida os países e entre os desenvolvidos e prósperos e os marginalizados, e que enfrentam dificuldades para resolver as gravíssimas questões que afligem sua população”.

“Se queremos construir um mundo mais solidário e eticamente mais justo, um mundo de respeito mútuo — disse Collor — temos de buscar fórmulas de diminuir esse fosso que se amplia entre ricos, cada vez mais ricos, e pobres, cada vez mais pobres”.